



O ciclo da vida em Queimadas: as etnicidades geracionais presentes no nascer, viver e morrer¹

The cycle of life in Queimadas: the generational ethnicities present in being born, living and dying

Jamille Pereira Pimentel dos Santos

 <http://orcid.org/0000-0003-2235-9631>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
millep2.mut@hotmail.com

Ana Angélica Leal Barbosa

 <http://orcid.org/0000-0002-0370-202X>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
aabarbosa@uesb.edu.br

DOI: 10.22481/odeere.v5i9.6686

RESUMO: Este artigo é um recorte de uma pesquisa desenvolvida no mestrado entre os anos de 2016 e 2017 numa comunidade quilombola denominada Queimadas, que se localiza no sertão baiano, na zona rural do Município de Guanambi. A referida pesquisa teve como objetivo investigar a transmissão dos pertencimentos étnicos entre as diferentes gerações que ali se encontram. Para tanto, o método utilizado foi a etnografia, com o

emprego de entrevistas, observações e narrativas em história oral de vida. Nessa investigação ficou evidente que os quilombolas de Queimadas lançam mão de variadas estratégias de transmissão dos pertencimentos étnicos, que vão desde o casamento, a manutenção da terra, a organização espacial do território, a transmissão oral de tradições, costumes e cultura, dentre muitos outros. Assim, eles conseguiram, no decorrer de mais de cem anos, preservar os pertencimentos étnicos e a harmonia da comunidade e tudo isso só foi possível porque são um coletivo que protege a terra, a família e a ancestralidade do grupo cotidianamente, de geração em geração.

Palavras-chave: Quilombo; Etnicidade Geracional; Ancestralidade Étnica.

ABSTRACT: This article is cutout of a research developed between the years 2016 and 2017 in a quilombola community called Queimadas, which is located in the Brazilian hinterland, in the rural area of the municipality of Guanambi. This research aimed to investigate the transmission of ethnic belonging among the different generations living there. To that, the method used was ethnography, with interviews, observation and life story narratives. In this research it became evident that the quilombolas of Queimadas make use of various strategies to convey ethnic belongings, ranging from marriage, land maintenance, spatial organization of the territory, oral transmission of traditions, customs and culture, among others. Thus, they have managed, over more than a hundred years, to preserve the ethnic belongings and harmony of the community. All this has only been possible because they are a collective, that protects the land, the family, and the ancestry of the group on a daily basis, from generation to generation.

Keywords: Quilombo; Generational Ethnicity; Ethnic Ancestry.

¹ Essa pesquisa recebeu o financiamento da FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do

Estado da Bahia.

Introdução:

Queimadas se localiza no município de Guanambi, Estado da Bahia. É uma comunidade negra rural quilombola que possui, aproximadamente, quatrocentos e cinquenta habitantes. A certificação ocorreu no ano de 2015 e representou a legitimação pública e jurídica de um modo de vida alicerçado nos conhecimentos e valores afro-brasileiros. A cultura, a religião, as tradições, costumes e práticas cotidianas daqueles indivíduos estão emanadas de saberes do povo negro. Desde muito cedo (na infância) muito se ensina e aprende sobre a importância da terra, da família e das tradições culturais, semelhante a uma forma de herança cultural, repassada de geração em geração.

Segundo relatos, o povoamento de Queimadas teve início no ano de 1915, com a chegada dos seus primeiros moradores, Zé Vêi² com sua esposa, laiá e seu irmão Adolfo. Esses três indivíduos foram trazidos da região de Bonito/BA pelo major que era proprietário da Fazenda Lameirão³ e fixaram território nos limites daquela terra e ali ficaram cuidando dos seus afazeres e constituindo suas famílias. Entretanto, em 1917, a terra foi adquirida pelo casal e por Adolfo e, o pagamento, como consta no documento de compra, foi realizado através de dias de serviço⁴ e desse modo, no ato da compra denominaram a parte destinada ao casal de Queimadas e a parte destinada a Adolfo de Pajeuzinho e, como marco de separação de território, passaram uma estrada ao meio e essa estrada serve, até os dias atuais, como fronteira territorial e étnica.

A história de Queimadas se assemelha, em muito, com a história de inúmeras comunidades negras rurais espalhadas pelo Brasil afora, pois são grupos que têm impressos em suas trajetórias a luta contra a pobreza, a fome, a desassistência social, o analfabetismo, a seca, a expropriação territorial e cultural, além de muitas outras mazelas.

Zé Vêi e laiá enfrentaram, com absoluta certeza, inúmeros obstáculos, tantos

² O nome de batismo de Zé Vêi é José e o de laiá é Maria Antônia.

³ Antiga fazenda que possuía grande extensão territorial, localizada na divisa entre os municípios de Palmas de Monte Alto e Guanambi.

⁴ Não foi possível descobrir as regras que ditaram o pagamento da terra, pois no documento não estão explicitadas e os descendentes do casal não têm ciência sobre esse acordo, assim, não sabemos por quanto tempo, em quais condições e que tipo de trabalho foi realizado para quitar essa dívida.

que nós sequer poderíamos imaginar. Constituir família no início do século XX, em pleno Sertão baiano⁵, numa terra improdutiva, dificultava imensamente a sobrevivência e longevidade do grupo e, ciente desses grandes obstáculos, esse casal criou no cotidiano daquela família, inúmeras estratégias que visassem a manutenção do território e conseqüentemente, a manutenção do grupo como uma comunidade longeva, assim, diante de várias estratégias adotados por eles, a constituição de casamentos endogâmicos foi, sem dúvida alguma, uma das mais importantes. Dessa forma a comunidade de Queimadas se constitui em um grupo étnico, como afirma Josildeth Gomes Consorte⁶ pois “o mesmo resulta da conjunção de um grupo de pessoas ocupantes de um território, falantes de uma mesma língua, empenhadas no processo de produção das suas existências”.

Em Queimadas, desde sempre, os laços sociais e afetivos perpassam por uma origem comum estreita, delimitada pelo parentesco. Ali, homens e mulheres partilham, em sua maioria, uma descendência comum e se orgulham de pertencerem ao tronco familiar *dos Marques*⁷.

Para compreender a origem e a dinâmica da comunidade foi necessário realizar a genealogia do grupo e esse trabalho revelou por si só, dados interessantes. Mas, é necessário ressaltar de antemão, que construir a genealogia de Queimadas não se mostrou uma tarefa simples, pois para tal, foi necessário que houvesse uma relação de confiança que só é possível a partir do método etnográfico, isto é, somente após meses de convívio frequente, desse modo, a convivência cotidiana possibilitou estruturar as primeiras informações para compor a genealogia sobre a família e sobre o casal fundador da comunidade.

Dos seis⁸ filhos de Zé Vêi e Iaiá (Mariano, Antônia, Joana, Francisco, Ana e Maria) quatro se casaram com moradores da comunidade vizinha - Morro de Dentro⁹. Joana casou-se com Antônio, Mariano casou-se com Ana Angélica, Maria

⁵ Região conhecida por apresentar uma profunda e crônica escassez de água.

⁶ CONSORTE, Josildeth Gomes. Relações Étnicas e Relações Raciais: diferenças e aproximações. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade*. Ano 2019, Volume 4, número 8, Julho – Dezembro de 2019, p. 30-34. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i8.6232>. Acesso em: maio 2020.

⁷ Praticamente todos os moradores da comunidade possuem o sobrenome Marques.

⁸ Há algumas imprecisões referentes a quantidade de filhos do casal. Após muitos diálogos e questionamentos, chegamos (eu e os colaboradores) à conclusão de que além desses filhos, Zé Vêi e Iaiá podem ter tido outros, que por motivos que fogem ao nosso conhecimento, acabaram dispersando-se.

⁹ Recentemente Morro de Dentro foi certificado como remanescente de quilombo.

casou-se com Zé Marques e Ana casou-se com Cândido. Desses, somente Maria e Ana permaneceram na comunidade, enquanto os outros dois mudaram-se para o local de moradia dos seus respectivos cônjuges e isso possibilitou a criação de laços sociais e afetivos muito fortes entre eles.

Em pesquisas sobre tradições, territorialidades e heranças culturais o estudo dos processos matrimoniais ajuda na compreensão de como o grupo elabora suas experiências de vida, bem como, auxilia no entendimento dos projetos políticos que lhes são próprios, uma vez que “o parentesco não existe enquanto um dado da natureza, mas sim enquanto um código ordenado das relações sociais, culturais e historicamente construídos”¹⁰. Portanto, a construção da genealogia se mostrou essencial nesse contexto investigado, pois havia a necessidade de conhecer e compreender a trajetória familiar do grupo e para tal, era imprescindível esse retorno ao passado.

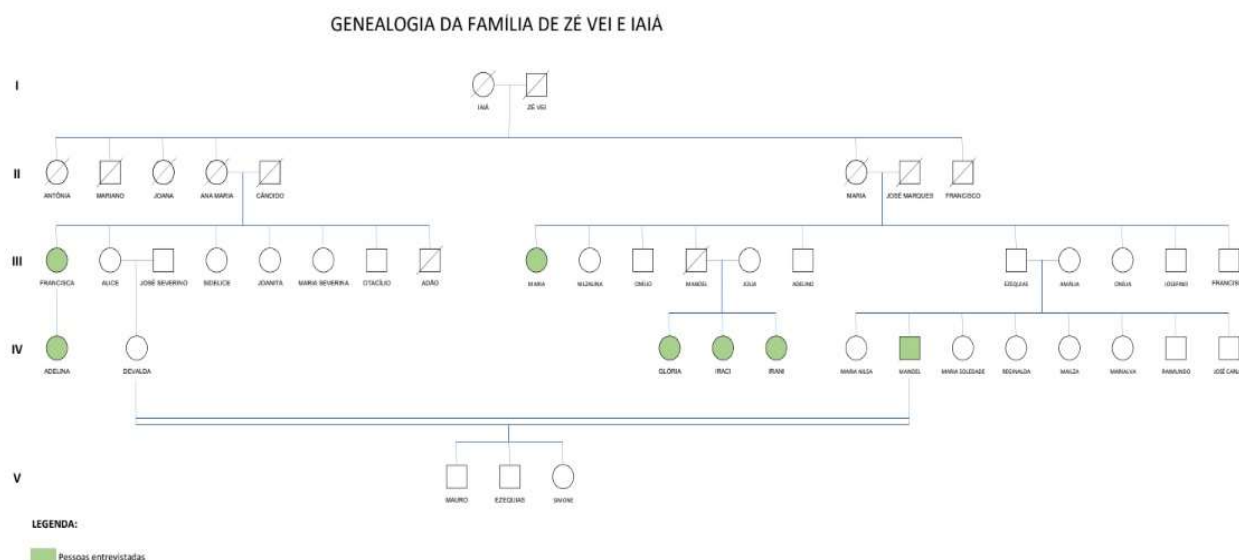
Mariano, filho de Zé Véi, casou com alguém de Morro de Dentro. Nós tem 3 pessoas que é interligada daqui e tá no Morro de Dentro, pessoas velhas. Tia Joana, que é irmã da minha avó, que foi e casou lá. Ela e Mariano, que são irmão casaram com um casal de irmãos de lá [Ana Angélica e Antônio]. Ana também casou com Cândido e Maria com Zé Marques e Zé Marques foi o que veio e ficou aqui. Era o meu avô.

(Seu Manoel, 54 anos, bisneto de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2017).

José Marques e Maria tiveram nove filhos (Maria, Nilzalina, Onílio, Manoel, Adelino, Ezequias, Onília, Josefino e Francisco) enquanto Ana e Cândido tiveram sete (Francisca/Chica, Alice, Sidelice, Joanita, Maria, Otacílio e Adão. Esses dois casais foram os progenitores de praticamente todos os atuais moradores da comunidade e os seus descendentes (que fazem parte da terceira e quarta geração), constituída de filhos/as e netos/as de Zé Marques/Maria e Ana/Cândido iniciaram a prática de constituir casamentos endogâmicos.

¹⁰ MELO, Ana Lúcia Aguiar. et al. “Palmas” para o quilombo: processos de territorialidade e etnicidade negra. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 105.

Genealogia da Família de Zé Vêi e Iaiá



Ao discorrer sobre o tema da endogamia em seu livro “As estruturas elementares do parentesco” Lévi-Strauss já apontava para as dificuldades em compreender essa dinâmica entre as diferentes civilizações, pois para ele “o casamento de primos cruzados, segundo toda probabilidade, é um fenômeno que não evoluiu a partir de uma causa única, mas que se originou independentemente em pontos diversos e por motivos diferentes”¹¹.

- Os seus filhos se casaram com pessoas daqui mesmo?

É, é tudo daqui mesmo. A da menina do caçula é lá do Morro de Dentro, mas é tudo primo. É fia dum primo meu e a menina é fia daqui mesmo o rapaz, fia da prima minha de lá também de Tocha, que você está falando, é fí dela. Tudo parente, aqui não tem mais gente de fora não, tem o povo tudo daqui mesmo.

(Dona Chica, 73-6 anos, neta de Zé Vêi. Entrevista dia 29/10/2016).

Vários podem ser os motivos que os levaram a adoção da prática de endogamia, tais como o isolamento geográfico, a proteção das tradições, o compartilhamento de herança, a conservação dos bens, etc. e os motivos de outrora se tornaram, no presente, uma tradição cultural.

¹¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Mariano Ferreira (trad.). Petrópolis: Vozes, 1982.

O casamento entre primos é referido como uma estratégia corrente no interior do campesinato tradicional, em virtude das seguintes razões: 1) possibilidade de junção patrimonial, com vistas a constituir uma unidade produtiva que se autorreproduz [...]; 2: incorporação ao território, especialmente em se tratando de comunidades negras, de um "outro" que não é completamente estranho, de forma a se reproduzir um modelo de família extensa [...]; 3: imperativo étnico de incorporar ao território parentes que já se encontram desterritorializados, reatualizando, dessa forma, princípios de reciprocidade e solidariedade instituídos pelos ascendentes.¹²

Na perspectiva da ciência biológica, as gerações se sucedem a cada 30 anos. Com base nessas informações, e levando em consideração que naquela localidade é comum mulheres e homens contraírem matrimônios ainda na juventude e, conseqüentemente, se tornarem mães e pais entre os dezessete e dezoito anos, deduzimos que os jovens que ali se encontram na faixa etária entre vinte e trinta anos, estão na transição da quinta para a sexta geração¹³ e são, respectivamente, tataranetos de Zé Vêi e Iaiá.

- A senhora se casou com quantos anos?

Eu casei com 16 anos, não tinha 16 ainda.

- Quantos filhos a senhora tem?

Eu tenho sete filhos, um monte de neto e um bisneto que vai fazer um ano.

(Dona Iraci, 56 anos, bisneta de Zé Vêi, entrevista dia 14/11/2016).

A fala de Dona Iraci é extremamente reveladora, pois demonstra que mesmo ela sendo ainda tão jovem (56 anos) a sua descendência se reproduziu num ritmo bastante acelerado, ao ponto da mesma já ser bisavó. Esse dado é muito significativo, pois comprova que as fórmulas empíricas quantitativas adotadas nas chamadas *ciências duras* não conseguem abarcar a complexidade de relações presentes em diferentes contextos, especialmente, no âmbito das relações humanas, pois não há uma lei universal que dite o tempo de duração de uma vida, muito menos fórmulas que indiquem os momentos e estágios em que cada indivíduo se encontra. Se reduzirmos a trajetória de Dona Iraci a meros

¹² Op. cit. p. 138.

¹³ O cálculo matemático não se mostrou exato porque em Queimadas, as mulheres se tornam mães muito jovens e esse ciclo é recorrente nas quatro gerações investigadas.

cálculos matemáticos, jamais conseguiríamos compreender os encontros e desencontros vivenciados por ela, que foram responsáveis por tecer os seus laços de parentesco e, conseqüentemente, dos seus filhos/as e netos/as¹⁴.

A vida é feita de trocas constantes de experiências e, Dona Iraci é prova cabal disso. Se levamos em consideração a sua idade, muitas outras mulheres na mesma faixa etária ainda não são avós, entretanto, a sua dinâmica de vida e as experiências acumuladas por ela, são absolutamente ímpares, porque compõem a sua biografia e, portanto, é única, particular e tal constatação demonstra claramente que em Queimadas há um encurtamento de gerações.

Diante dessas informações, é necessário ressaltar que a análise que ora se apresenta aqui, tem a preocupação de evidenciar essas dinâmicas e compreender as relações que se dão entre as diferentes gerações, no intuito de preservarem a ancestralidade étnica da comunidade. Tendo isso em consideração, o conceito de geração que mais se adequa a esta investigação é o defendido pelo sociólogo alemão Karl Mannheim pois este autor supera as concepções positivistas sobre a temática, a favor de uma abordagem sociológica, que analisa as gerações a partir do aspecto qualitativo e busca superar a compreensão do tempo como algo linear e mecânico. Essa corrente realiza uma contraproposta de análise, em que “o problema geracional se torna, [...] um problema de existência de um tempo interior não mensurável que só pode ser apreendido qualitativamente”¹⁵. Assim, não há como mensurar e/ou quantificar tempos de vida. Cada indivíduo vive um tempo específico, que é resultado do contexto histórico, social e das diferentes experiências acumuladas no decorrer da vida e, isso faz com que grupos etários diferentes (e até mesmo iguais) possam viver momentos interiores específicos, num mesmo período cronológico.

Deve-se admitir que os dados biológicos constituem o estrato mais básico de fatores determinantes dos fenômenos de geração; mas, por essa razão mesma, não podemos observar diretamente o efeito dos fatores biológicos, precisamos, em lugar disso, ver como eles se

¹⁴ Na ciência exata o ciclo geracional de Dona Iraci só seria possível num intervalo de tempo de noventa anos (Dona Iraci – 30 anos / filha – 30 anos / neta - 30 anos / bisneto).

¹⁵ WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, nº. 2, Maio/Agosto 2010, p. 205-224. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922010000200004>. Acesso em: maio de 2016

refletem nas forças sociais e culturais.¹⁶ (MANNHEIM, 1982, p. 94-5).

Ao investigar a importância das gerações dentro da perspectiva sociológica, Mannheim minimiza a relevância do fator biológico, pois para ele, tanto a velhice quanto a juventude são uma questão de experiências e de memórias acumuladas por essas experiências. Assim, não é o tempo nem a idade que liga e separa as pessoas, mas as vivências compartilhadas dentro de um mesmo contexto social e histórico. Para exemplificar essa teoria, o autor propõe três conceitos: *posição geracional*, *conexão geracional* e *unidade geracional*.

O que define a posição geracional dentro de uma coletividade, são as potencialidades de um indivíduo em adquirir essa ou aquela experiência a partir do convívio social, num contexto histórico determinado. Já a conexão geracional, se refere aos vínculos concretos que são criados a partir da participação coletiva, e é o elo de ligação entre os diferentes grupos etários: “uma conexão geracional se constitui através da participação dos indivíduos que pertencem à mesma posição geracional, em um destino coletivo comum assim como da partilha de conteúdos que estão relacionados de alguma forma”¹⁷, o que pressupõe, por exemplo, que pessoas de idades completamente diferentes (de vinte e cinquenta anos) compartilhando a mesma temporalidade, se considerem pertencentes à mesma geração, visto que ambos detêm os mesmos anseios e lutam por uma causa em comum, o que os tornam assim, uma unidade de geração.

Uma unidade de geração não é constituída por um grupo concreto, tampouco pelos conteúdos transmitidos através de expressões verbais ou corporais ou por meio de algum produto artístico produzido [...]. Uma unidade de geração se caracteriza pelas intenções primárias documentadas nas ações e expressões desses grupos. Essas intenções primárias ou tendências formativas só poderão ser analisadas a partir de um grupo concreto porque foram constituídas nesse contexto. Contudo, as intenções primárias não se reduzem ao grupo e aos atores, que, por sua vez, não se reduzem ao **status** de membros de um grupo concreto, mas ao de atores coletivos envolvidos em um processo de constituição de gerações. A composição de gerações é, portanto, um processo sociogenético contínuo, no qual estão envolvidos, tanto grupos concretos, como a experiência adquirida em contextos comunicativos, entre outros,

¹⁶ MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. IN: Marialice M. Foracchi (org). Karl Mannheim: *Sociologia*, São Paulo, Ática, 1982, p. 67-95.

¹⁷ Op. Cit. p. 214.

aqueles disponibilizados pelos meios de comunicação¹⁸.

Dessa forma, é a temporalidade das experiências de vida dos sujeitos que vão definir se são unidade de geração ou não. Não é o fato de nascer num mesmo período, ou compartilhar o mesmo estilo de vida que formará uma unidade de geração, mas a forma como as pessoas lidam com os fatos históricos vividos numa determinada contemporaneidade e com os problemas e desafios postos no cotidiano, que irão delimitar esse conceito. Portanto, em Queimadas, as diferentes faixas etárias que ali se encontram podem (ou não) fazer parte de um mesmo grupo geracional, pois atualmente, estão articulados em favor da causa quilombola e, para tanto, fortaleceram a consciência histórica, posto que as experiências do passado se articularam com as do presente formando uma "consciência geracional"¹⁹ necessária nesses casos, uma vez que esse é um meio possível para instaurar as bases do reconhecimento de si.

Com isso, compreendemos que a dinâmica das gerações é um processo contínuo, histórico, que possui temporalidade, memória e é, em muitos casos, inconsciente. Ademais é importante ressaltar que:

O autor aponta cinco aspectos que distinguem uma sociedade marcada por mudanças geracionais, tal como as sociedades em que vivemos, de uma sociedade utópica e imaginária:

1. a constante irrupção de novos portadores de cultura;
2. a saída constante dos antigos portadores de cultura;
3. a limitação temporal da participação de uma conexão geracional no processo histórico;
4. a necessidade de transmissão constante dos bens culturais acumulados;
5. o caráter contínuo das mudanças geracionais.²⁰

Esses cinco aspectos expõem o caráter dinâmico e integrado do ciclo da vida e da morte na sociedade. Em todo o momento novos indivíduos nascem e os antigos se vão e é uma necessidade primaz que nesse movimento, os bens culturais

¹⁸ Ibidem, p. 216.

¹⁹ FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*. v. 25, nº 2, Maio/Agosto, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922010000200003>. Acesso em: maio de 2016.

²⁰ Op. Cit. p. 211.

que definem os diferentes grupos não se percam, visto que são os pertencimentos étnicos e a ancestralidade vinculados a esses bens que promovem o sentimento de pertencer a uma determinada coletividade. Portanto, nesse ciclo ininterrupto de vida, a ancestralidade age como um elemento de ligação, pois “a maneira pela qual os parceiros de uma relação interagem dá se via ancestralidade. Nesse sentido, a ancestralidade é um território sobre o qual se dão as trocas de experiências: sígnicas, materiais, linguísticas, etc.”²¹

Em virtude disso, consciente ou inconscientemente, várias comunidades laçam mão de diferentes estratégias que visam transmitir para os novos integrantes do grupo, os princípios que os norteiam e, não se esquecer (nem perder) do legado das gerações passadas é o primeiro passo nessa direção.

É necessário ressaltar também que ao lado de outros elementos, a etnicidade se torna uma herança transmitida entre as gerações, portanto, podemos falar em *etnicidades geracionais*, já que “todas as atitudes e ideias que continuam funcionando satisfatoriamente na nova situação e que servem como inventário básico da vida do grupo são transmitidas inconsciente e involuntariamente”²² pelos ensinamentos dos mais velhos ou pelo convívio doméstico e cotidiano entre as gerações intermediárias e mais jovens, e, nessa interação, as primeiras assumem o papel de mediadoras e transmissoras dos códigos internos à sua própria cultura.

Marx Weber afirma que a língua, a religião, os costumes, a hereditariedade, o *habitus*, a nacionalidade e a tradição são os princípios que alicerçam a *comunhão étnica* e o sentimento de comunidade. Ora, é sabido que todos esses atributos são comumente cultivados no convívio diário, entre familiares, vizinhos ou membros de um grupo específico e, para cultuá-los, é necessário que eles façam parte dos princípios que fundamentam o coletivo. Desse modo, a etnicidade (que por essência, está vinculada a esses elementos) é um bem a ser transmitido entre as gerações e essa transmissão geralmente se inicia na infância e perpassa por

²¹ OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação* – RESAFE. Número 18: maio-outubro/2012. P. 28-47. p. 40. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4456>. Acesso em: maio 2020.
²² Op. Cit. p.81.

todos os momentos e estágios da vida.²³

Tal como uma herança material de considerável valor econômico, o pertencimento étnico é um bem inestimável para a sobrevivência de qualquer comunidade. No entanto, como o ser humano é um ser social, situado no tempo e no espaço, as transformações sociais, culturais e econômicas que ditam o ritmo do nosso tempo, modificam o comportamento e as interações humanas, alterando significativamente a conduta das pessoas e a relação que elas estabelecem com a sua ancestralidade. Diante disso, é necessário que haja uma reatualização constante dos bens culturais e étnicos, como aponta Manoela Carneiro da Cunha²⁴, pois se não se reatualizarem, esses bens perdem o sentido de ser e de existir, caindo fatalmente no desuso e no esquecimento.

*Até hoje eu alembro das coisas que meu avô falava e fazia. Ele juntava a gente e aconselhava, porque ele sabia que nós precisava ser unido pra continuar na luta [...].
A gente não pode esquecer quem nós somos.
(Seu Manoel, 54 anos, bisneto de Zé Vêi, entrevista dia 01/05/2017).*

Em Queimadas, a reatualização dos bens simbólicos, culturais e étnicos se opera constantemente, entre as gerações. Essas mudanças são facilmente perceptíveis nas falas dos colaboradores e no comportamento dos mesmos, em distintas situações. Tendo como recorte a infância, a juventude e a velhice de alguns colaboradores (nas faixas etárias investigadas) desenvolvemos uma análise para evidenciar e compreender como a *etnicidade geracional* atua nos diferentes estágios da vida desses indivíduos e como se opera a transmissão da ancestralidade étnica na comunidade, para demonstrar que nada permanece estagnado no tempo, mas que apesar das mudanças, as bases étnicas permanecem inabaláveis na memória e nos costumes. Assim, descrevemos abaixo aspectos da infância (pelo viés do nascimento), da juventude (que se enquadra no conceito de viver, adotado no subtítulo) e da velhice (consequentemente, da morte) entre as gerações, respectivamente.

²³ WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. IN: *Economia e Sociedade*. Vol. 1. Brasília: Editora UNB, 1991, p. 267-277.

²⁴ CUNHA, Manuela Carneiro da. *Enicidade, indianidade e política*. In: *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

O nascer e a infância em Queimadas

Os netos, bisnetos e tataranetos de Zé Vêi e laiá viveram infâncias absolutamente distintas e essa distinção começava a se operar a partir do nascimento. Entre os netos e bisnetos, todo o ritual envolto do nascimento se dava no contexto doméstico, pelas mãos de parteiras e benzedeiros/os.

As partera era Marizela e Bilizara. As duas já morreram.

- Elas faziam o parto de todas as mulheres daqui?

Fazia. Cê buscava qualquer hora da noite que ela vinha. Bastava tá incomodada.

Os meu mermo num foi dotô, foi elas tudo, não tinha dotô não, quando eu tive o menino meu mais véi, ne Guanambi só tinha um dotô e eu nem sabia mexer com dotô, casamos tudo nova, eu casei com 16 ano e o povo não sabia de nada, o menino meu mais véi dueceu, a minha sogra lá no Morro de Dentro que levou ele pra lá, pra ela ver com o dotô.

(D. Chica, 73-6 anos, neta de Zé Vêi. Entrevista dia 29/10/2016).

- E parteira, tinha por perto naquela época?

Tinha, tinha parteira. Os minino meu não nasceu nenhum no hospital, nasceu tudo em casa, tudo em casa, graças a Deus. Não tinha médico, o médico era difíci, difíci mermo, os meu nasceu tudo em casa.

As meninas minha também nasceu, dessas meninas minhas, os meninos dela nasceu tudo em casa, só de uma, da mais véia que nasceu no hospital, o filo nasceu no hospital porque o parto era complicado, foi cesariano.

Mãe pegava criança. A véia Belizaara, a muié do véi Paulo alí, ela era muito boa parteira, tinha outra alí, morava alí mais o véio Virgílio pegava também, Maria Ismélia.

- E elas não ensinaram para ninguém como é que fazia?

Elas ensinava, mas é bem complicado pra pegar uma criança [risos] ai, ai, mas eu se fosse mode eu pegar, eu pegava. Eu ajudava mãe, já tava ajudando mãe já.

- A senhora chegou a fazer algum parto?

Já. Teve uma sobrinha minha que nós, foi eu mais uma cunhada minha que pegou, acho que foi uns dois minino que nós pegou aqui, que veio lingeiro [risos] veio lingeiro não teve jeito, nós teve que pegar, foi uma cunhada minha [Dona Julia], a muier desse irmão meu que morreu, nós duas fez o parto.

Mas se tiver apertado assim e vim desembaraçado, é bem capaz que inda pego inda.

- Com certeza...

Não pode deixar, vim um minino ligeiro aí, ficar, não dá tempo de ir no Guanambi, eu pego.

(Dona Maria, 72 anos, neta de Zé Vêi, entrevista dia 31/10/2016, grifo nosso).

Dona Chica e Dona Maria trazem em seus relatos as memórias e impressões provenientes das experiências que vivenciaram. A primeira, sob a perspectiva de ter sido acolhida e atendida pelas mãos hábeis e sábias dessas mulheres; já a segunda, revela que foi amparada e também amparou mulheres em trabalhos de parto (vivenciado os dois lados da situação).

No entanto, o ato de *parir* agregava outros elementos importantes, não era somente a reprodução que sobressaía naquele contexto. Quando a mulher se encontrava gestante, havia todo um ritual de preparo de óleos, remédios e poções indispensáveis tanto para curar o umbigo das crianças, quanto para possíveis enfermidades advindas desse momento e, o preparo dessas fórmulas continham e contém princípios da ancestralidade étnica de povos africanos e indígenas ocultos tanto nas receitas, como no simbolismo que envolve a prática em si.

- Como era feito o azeite para curar o umbigo dos bebês?

Mãe fazia muito óleo, ela fazia assim, ó: pegava a mamona, batia, soprava, catava, tirava aquelas pedrinhas tudo, voltava e ferventava a mamona e colocava no sol para secar, a hora que a mamona secava aí agora ela passava no fogo alí numa panela ou qualquer trem, aí agora ia pisar e botava pra ferver. Depois disso ia mexendo com um cano de mamona pra secar a água, até ia secando, quando ela ia secando ela ficava assim amarelhinho por riba e aí agora ela pegava, metia a colher e ia tirando, colocando numa vasilhinha, o que sobrava ela acendia um fogo e botava pra fritar, até aquilo alí cabava aquela água, porque quando tira fica assim aquela água, depois que secava só ficava o óleo. Ela fazia muito, ela tirava garrafona assim cheinha. Rendia muito, rendia que só se vendo, viu.

Era muito procurado de primeiro, usava isso pra um monte de coisa. Se uma comida fizesse mal, se tivesse muito gripada, pra tudo servia. (Dona Glória, 58 anos, bisneta de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2017).

Ao lado desse preparo minucioso do óleo, havia o costume de colocar as galinhas para deitar e chocar os ovos, no intuito de ter frango e pirão no período do *resgarde*. Ademais, nessa época, as mulheres que se encontravam em tal condição repousavam durante vários dias, sem lavar a cabeça e com banhos *regrados*, pois acreditavam que a *friagem* era uma das causas que agravavam os casos de infecções, inflamações, etc., o que poderia ocasionar até a morte.

Visto que se encontravam no Sertão, num relativo isolamento geográfico e longe dos recursos medicinais dos grandes centros do país, a figura do benzedeiro

assumiu ao lado da parteira, grande destaque no cotidiano dessas pessoas.

- Naquela época quando uma criança adoecia, o que vocês faziam?

Tinha umas pessoa que benzia. Rezava assim quebrantu, que quando o minino dava quebrantu ficava assim esmuricado, gente cunhecia, era quebrantu, o menino tá cum quebrantu, aí agora tinha aquelas pessoa que benzia, Deus abençoava que miorava.

- E hoje ainda tem, Dona Maria?

Hoje ainda tem, alguém que benze ainda, é mais difícil, mais tem. (Dona Maria, 72 anos, neta de Zé Vêi, entrevista dia 31/10/2016).

- Aqui tinha parteira?

Tinha. Meus filho tudo foi parteira. Maria, que eu chamo de tia porque é tia do meu marido... ela e a véia Belizara era as parteira. Tia Maria véia não pegava minino só, só pegava as duas [Maria mãe e Maria filha], tinha que ser as duas. A véia Belizara já morreu. E a primeira fia minha foi a finada Zana, era outra parteira, é de outa comunidade, lá da Torta, foi, da Lagoa da Torta. Mas depois que eu mudei pra aqui só foi tia Maria e Belizara.

- E tinha alguém que benzia?

Tinha, ela [Maria] também rezava quebrante. Ela rezava, já rezou muito já ne menino meu.

(Dona Nenê, esposa de neto de José Vêi. Entrevista dia 13/11/2016 grifo nosso).

A mãe de Dona Maria (Maria) assumiu durante muitos anos a função de parteira, benzedeira e raizeira. Ela agregava essas três funções elementares para a sobrevivência da comunidade, porque conhecia os segredos medicinais ocultos nas plantas; os ritos, preces e cantos necessários para curar ou acalantar doenças no corpo e no espírito, além de possuir conhecimentos práticos (mesmo que rudimentares) de obstetrícia. Sabendo da necessidade de transmitir esse legado para os seus descendentes, ela preparou sua filha para assumir a sua função, no entanto, a geração posterior a Dona Maria rompeu com esses costumes, pois houve uma universalização do atendimento básico de saúde para as populações carentes e o parto passou a ser realizado nos hospitais públicos do município de Guanambi.

Assim, Dona Maria foi um instrumento da transmissão da ancestralidade étnica, pois sua mãe (Maria) confiou a ela os ensinamentos necessários a uma parteira, na certeza de que a mesma levaria esses ensinamentos adiante e que seria uma fiel depositária: **“As mulheres ainda têm filho em casa? - Não, agora parou”** (Dona Maria, 72 anos, neta de Zé Vêi, entrevista dia 31/10/2016).

Mas o tempo às vezes age implacavelmente e, assim, a figura do benzedeiro também foi caindo no desuso, ao ponto de muitos nem ao menos saberem se existe ou não a presença do/a mesmo/a na comunidade.

- Ainda tem alguém que reza aqui?

Aqui agora não tem mais ninguém, já morreu tudo.

- Não ficou ninguém?

Não ficou ninguém e o povo novo nam prendeu, não ficou ninguém. Então, um rezador bom assim que é uma coisa que sempre a gente procura é lá só no Guanambi, lá ne Mané Belo.

- Então quando a senhora precisa, a senhora vai em Guanambi a procura de um rezador?

No Guanambi. Segunda feira mesmo fui lá, baixei lá ontá ele. A minina minha tava cum a espinhela caída, ela foi e já levantou duas vezes, que é três vezes pra levantar espinhela... Mas gente minha filha!!! Estava que nem urubu. Misericórdia! Porque só tem ele.

(Dona Nenê, esposa de neto de José Véi. Entrevista dia 13/11/2016).

A infância em Queimadas não era fácil, nem muito menos simples. Ser criança em meados do século XX, e vivenciar inúmeras dificuldades materiais tirou muito do encantamento característico dessa fase da vida. Desde cedo, por não ter com quem deixar os filhos/as pequenos/as, os pais eram obrigados e levá-los consigo para o trabalho nas roças. Lá, as crianças menores eram alojadas em gamelas²⁵ e ficavam aos cuidados de irmãos maiores enquanto que os pais e os filhos adolescentes realizavam seus afazeres.

Essa criança, gerada e criada no chão duro e seco do Sertão da Bahia, assumia entre os seis e sete anos de idade, ao lado dos pais, irmãos e irmãs, a pesada responsabilidade de suprir e manter o lar: *“Eu, com idade de seis ano ajudei meu pai a criar mais nove filho depois de mim, era uma escadinha. Nunca arrependi não, perdi muita oportunidade, mas serviu”* (Seu Manoel, 54 anos, bisneto de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2017).

Longe da escola regular, dos parques, dos brinquedos e, muitas vezes do lúdico, essas pessoas viram sua infância escorrer por entre os dedos em decorrência de uma rotina laboriosa e de muito trabalho. Nos raros relatos sobre brincadeiras infantis, os colaboradores dizem que quando havia tempo estas se davam nos terreiros com irmão/irmãs e primos/primas (soltavam pipa, faziam boneca de sabugo, jogavam bola, sambavam roda, etc.).

²⁵ Bacias construídas com toras de madeira.

Como eram as festas quando a senhora era criança?

Era sempre na casa do meu avô, ele sempre fazia a festa né, e ele convidava o pessoal e o pessoal ia. Isso era quando nós era pequena, mas eu me lembro ainda.

- E essas festas eram nos dias de reza ou em outros momentos também?

Era nos dias santo e em outros dias também. Porque de primeiro, tinha as festas, fazia aqueles forró, de primeiro, o povo dançava muito, então, dançava um forró que não é igual o de agora, né? Porque eles tocava era toque de almonca [sanfona], também de primeiro, o pessoal daqui cantava roda nas festa, era muito animado, as coisa muito bonito. Animado porque a gente fazia tudo, e o povo dava gosto, porque não tinha briga, não tinha nada, né? Era muito bom, de primeiro.

(Dona Rosa, 53 anos, bisneta de Zé Vêi, entrevista dia 01/05/2017).

Atualmente, esse cenário foi modificado drasticamente. A infância em Queimadas hoje é um tempo absolutamente privilegiado e protegido. As crianças vão regularmente à escola, não há relatos de trabalho infantil, tampouco de maus tratos ou abandono. Ao longo do trabalho de campo, foi comum encontrar muitas delas jogando bola, andando de bicicleta e correndo pelos espaços livres. Além disso, a comunidade conta há anos com uma turma regular do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) e uma oficina de capoeira para crianças e jovens.

Eu sempre falo pros menino daqui “vocês tem tudo pra ser alguém na vida e ainda desobedece pai e mãe, enquanto eu e os pais de vocês não achamo nada”. Hoje tem merenda na escola, tem tudo. No nosso tempo, na escola não tinha nada, às vezes a gente ia sem beber ao menos um copo de café.

(Seu Manoel, 54 anos, bisneto de Zé Vêi, entrevista dia 01/05/2017).

Mesmo com as significativas modificações operadas pelo transcorrer dos anos, muitos elementos presentes nos tempos de outrora ainda permanecem intactos no cotidiano dessas crianças, pois ainda é cultivado um pleno respeito ao mais velhos; ao ato de aconselhar, ser aconselhado e ouvir esses conselhos; a convivência e permanência harmoniosa entre os parentes; a vivência do terreiro como espaço de socialização e brincadeiras, além da percepção, desde a infância, da importância e da centralidade que a família assume na estrutura da comunidade. Essas informações evidenciam que em Queimadas a herança étnica é geracional e que o sentimento de pertencer a esse lugar, a esse chão e a essa

comunidade se origina desde o nascimento, se fortalece na infância e alcança o apogeu na juventude e na velhice.

O viver: a juventude em Queimadas

Da mesma forma que a infância, a juventude na comunidade apresenta diferenças acentuadas entre as gerações investigadas. Entre os mais velhos e os mais jovens (biologicamente) as transformações na realidade social e econômica do grupo (no intervalo de alguns anos) resultou em mudanças acentuadas na maneira e no estilo de vida desses jovens, o que ocasionou alterações significativas na estrutura e no sentido das festas, na relação com o trabalho, no namoro, na escola, etc.

Como é praticamente impossível estudar tudo ao mesmo tempo, tomaremos as festas e as músicas como recorte para a análise que aqui se desencadeia, no intuito de evidenciar como essas mudanças se operaram, na dinâmica das gerações.

Os netos/as e bisnetos/as de Zé Vêi e laiá têm nas festas e nas rezas, guardadas as suas melhores recordações. A juventude, a partir da década de 1950, foi marcada pelo samba de roda, o forró, o baile e as rezas nos dias santos.

Qual a primeira lembrança que a senhora tem da comunidade?

A primeira lembrança é dos meus avó. Porque os meus avó sempre morava aqui e daí pra cá era todo dia nós ia na casa deles e era muita gente né, porque era muito neto, então, gente ia pra lá, pra casa dele na Semana Santa também né, então nós também ia pra lá, aí juntava os neto, juntava as nora dele e ia tudo pra lá, pra casa deles. Eles moravam naquela casa [em ruínas] do lado do prédio. Aí depois quando terminava, cada um vinha embora né, pra sua casa. (Dona Rosa, 53 anos, bisneta de Zé Vêi, entrevista dia 01/05/2017).

Maria e Zé Marques, filha e genro de Zé Vêi e laiá, respectivamente, são os avós citados por Dona Rosa como os acolhedores da família. Em variados momentos da pesquisa de campo, essas duas figuras aparecem em destaque nas falas dos colaboradores. Muitos deles/as relatam como a casa dos mesmos era utilizada como espaço para reuniões, encontros familiares, rezas e festas realizadas na comunidade. E são justamente nesses encontros, que repousam a memória de juventude da segunda e terceira geração aqui descrita.

Como eram as festas no seu tempo de moça?

Tinha forró, valsa, tinha bolero, tinha tuíste, tinha samba de roda. Tinha um monte de música que dançava. E era assim, do nada o povo falava: vamos fazer um forró? E acontecia lá um samba também. Tinha samba, mas eu me lembro bem mesmo é do forró.

(Dona Rosa, 53 anos, bisneta de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2017).

Assim, ao lado do trabalho e da vida familiar e religiosa, as festas, as danças e as músicas (de diferentes matrizes) vão compondo o cotidiano dos jovens dessa geração. Seja nos rituais sagrados, nos encontros ao final do dia nos terreiros, no laborioso trabalho braçal nas roças ou nos afazeres domésticos, esse elemento sempre está presente na memória e é constantemente acionado nos relatos como um mecanismo do reconhecimento de si.

- Quais as coisas que marcaram a sua juventude?

As coisa mais marcantes pra mim, era quando meu pai e minha mãe fazia festa. Mesmo que eles faleceu, mas quando chega na data a gente sempre lembra e diz: "Êta, pai e mãe gostava de fazer uma festa nessa época!"

Porque era bom demais, a gente se reunia, celebrava aquele momento, dançava e cantava sem nem pensar, cumo que posso te falar, no dia do amanhã.

(Dona Glória, 58 anos, bisneta de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2016).

Havia diferentes tipos de festa. Existiam as que contavam com organização prévia como as de casamento, dos dias santos e de aniversários, mas também, em algumas ocasiões, era comum os jovens se encontrarem no fim do dia para cantar e sambar na roda, espontaneamente, sem data nem hora marcada.

A gente quando era mocinha, no fim do dia, quando não tinha nada pra fazer ia cantar roda. Outras festas eu não sei, mas essas eu já participei bastante, porque nós gostava muito de cantar roda.

- Tinha um tocador?

Não, só na voz mesmo, cantando.

(Dona Glória, 58 anos, bisneta de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2016).

- Você se lembra de alguma música?

Ô moça [risos] era bonito. Saía um grupo de moças e rapaz e falava assim: Vamos cantar uma roda? Aí juntava tudo, dava as mãos e começava a rodar e cantar as músicas, jogar versos. Do meio por fim, o tempo passava e quando a gente via já estava dando doze horas da noite e o pai da gente estava chamando. Era aquela multidão e não tinha confusão, era legal demais, no meu tempo de solteira.

(Dona Rosa, 53 anos, bisneta de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2016).

E esse gosto pela música e pela dança adentrou em todas as esferas do cotidiano...

- Além desses momentos, no trabalho nas roças, vocês cantavam alguma música?

[Risos] Cantava sim, no meio da roça, hoje em dia que o pessoal não canta mais, eu cantava muito aquelas músicas mais antigas, eu fui ficando mais velha e fui esquecendo, mas eu cantava demais, a gente jogava um verso e o outro respondia.

(Dona Glória, 58 anos, bisneta de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2016).

Podemos constatar com isso que a música e a festa sempre estiveram presentes na comunidade e que esse é um elemento étnico muito forte, visto que as gerações que se sucedem também cultuam os mesmos hábitos.

Cantar as belezas e mazelas do cotidiano, jogar versos, encontrar amigos e familiares e partilhar com eles dos mesmos gostos, faziam dos encontros festivos um alento no contexto árido e carente a qual se encontravam. A roda e o forró, principalmente, compunham a identidade de Queimadas, visto que estavam inseridos no cotidiano do grupo, ocorriam espontaneamente e todos participavam, sem distinção, de tal modo que podemos compreender que essas práticas agiam como um dispositivo que intensificava o elo de ligação entre aquelas pessoas e as muniam de afetividade e solidariedade necessárias para enfrentar as dificuldades que se apresentavam.

- E sobre o samba de roda, a senhora se lembra de alguma coisa sobre isso?

Lembro sim, tinha muitos que tocava violão, assim, pandeiro. Meu tio mesmo gostava muito de tocar violão, ele começava tocar ali, quando menos pensava, começava um samba e isso amanhecia o dia, um canta, outro dançava, outro jogava um verso.

(Dona Glória, 58 anos, bisneta de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2016).

Mesmo sendo um importante elemento da identidade étnica do grupo e, conseqüentemente, um instrumento do reconhecimento de si, a entrada e a saída de novos membros pela via do nascimento, da morte e dos casamentos, a transposição constante da fronteira geográfica (através das migrações) e o fator tempo, estabeleceram mudanças inevitáveis no conteúdo cultural da comunidade. No entanto, a identidade étnica e a cultura não podem ser tomadas

como intrínsecas, interligadas e dependentes entre si, pois existem grupos que mesmo sofrendo intensos processos de aculturação, os indivíduos ligados a esses grupos mantêm intactos a sua identidade étnica pois, a variação ou alteração de cultura, não provoca uma mudança drástica de identidade para os portadores dessa mesma cultura, porém, é necessário ressaltar que, a dimensão da cultura desempenha um papel importante no formato dessa identidade, como um significativo marcador de separação do nós frente aos outros.

A narrativa abaixo evidencia claramente isso. Dona Glória fala do tempo de outrora e das experiências vivenciadas por ela naquele período, mas, na mesma medida, percebe que muito do que não existe mais, pois o hoje modificou as práticas culturais e, conseqüentemente, as pessoas, de tal modo que, atualmente, a realização de diversas atividades que eram amplamente cultuadas no passado, foram fatalmente caindo no desuso e no esquecimento, pois a realidade social a qual estão inseridos no presente, impossibilita que as mesmas sejam praticadas.

Eu sinto assim, que as coisas mudou demais, que antigamente o tempo era bom demais. Você sabe que, antigamente, você começava um samba, uma coisinha aqui, daí a pouco, lotava de gente brincando e amanhecia o dia assim, todo mundo brincando e com isso levava a vida e hoje em dia não, a gente não pode começar essas brincadeira. Aqui mesmo tinha um vizinho nosso que morava ali que tinha tocadisco, quando chegava sábado a gente combinava e comprava as pilhas, quando era de noite o farró comia na alta, quando pensava que não, estava lotado de gente assim ó [risos] e tinha vez que era assim: hoje era na casa de pai, amanhã numa outra casa e ia assim até chegar no outro sábado.
(Dona Glória, 58 anos, bisneta de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2016 grifo nosso).

Tais mudanças, são comumente relatadas pelos/as colaboradores/as e muitas delas são justificadas porque, segundo eles/as, houve uma inserção gradativa de som eletrônico nas festas e conseqüentemente os instrumentos musicais caíram no desuso, há também um consumo exagerado de bebidas alcóolicas e casos (isolados) de brigas e confusões durante as comemorações. Assim, a juventude de hoje (composta dos tataranetos de Zé Véi e laiá) vivência, não somente um tempo interior específico, mas também uma realidade de vida que se distingue em muito, da dos seus antepassados.

Sei lá, antigamente era diferente de hoje, porque hoje uma moça não canta, se for numa festa não dança e antigamente a gente ia numa festa, parece que, só ia para dançar, somente para dançar. (Dona Glória, 58 anos, bisneta de Zé Vêi, entrevista dia 01/05/2016 grifo nosso).

As festa de hoje usa muito som, com batidão, forró. Contrata um cantor, cum teclado e começa cantar. Ou então, às vezes o som é de um carro, com umas caixa bem grande. Aí a gente bebe, conversa e umas pessoa dança.

As festa hoje é quase sempre num bar. Eu só não gosto muito de dançar. Fico mais é sentada.

(Jaine, 22-23 anos, tataraneta de Zé Vêi, entrevista dia 30/07/2017)

Essas mudanças, entretanto, não anulam o fato de que os elementos de outrora foram transportados para o presente e ressignificados. Mesmo possuindo diferenças acentuadas, a festa e a dança ainda são um componente presente na realidade social daquele coletivo.

A velhice e a morte

O que é ser velho? Como é morrer e permanecer vivo na memória de quem fica? O que é a morte? Há diferentes tipos de morte, da mesma forma que há diferentes formas de morrer?

Muitas são as questões que rondam a temática da morte e as tentativas de respostas variam de acordo a religião, o grupo étnico, a localização geográfica e a crença de cada um. Há quem diz que morte é apenas uma passagem para um outro plano; outros, acreditam que a morte é apenas material, pois o imaterial continua vivo; da mesma forma, há grupos que apregoam que não existe morte definitiva, pois sempre haverá a reencarnação. Todavia, diante da dificuldade em encontrar um consenso e uma conclusão *universalmente* válida, a única certeza que temos é que a humanidade ainda vai percorrer um caminho muito longo até conseguir responder a todos esses questionamentos.

Tal como a vida, a morte é rodeada de mistérios, encantamentos, dúvidas e o que predomina, é a convicção de que todos a experimentaremos sejamos jovens

ou velhos. Mas, para o idoso²⁶, essa realidade parece ser mais tangível, uma vez que esse indivíduo já percorreu uma trajetória longa de vida e biologicamente o seu corpo começa a apresentar os sinais de cansaço e as limitações impostas pela idade.

A velhice (o envelhecimento) é muito mais do que a redução das capacidades e habilidades. Para a ciência biológica,

O envelhecimento é associado ao acúmulo de uma grande variedade de danos moleculares e celulares. Com o tempo, esse dano leva a uma perda gradual nas reservas fisiológicas, um aumento do risco de contrair diversas doenças e um declínio geral na capacidade intrínseca do indivíduo. Em última instância, resulta no falecimento. Porém, essas mudanças não são lineares ou consistentes e são apenas vagamente associadas à idade de uma pessoa em anos.²⁷

O que a biologia considera como perda de habilidades e limitações, pode ser compreendido, no horizonte de diferentes comunidades tradicionais, como o acúmulo de experiências, sabedorias e muito conhecimento. Partilhando desse mesmo entendimento, em Queimadas, ser velho é gozar dos privilégios advindos com a idade. Há um respeito coletivo ensinado e cultivado desde à infância para com essas pessoas que as conferem um status de guardiãs da memória e da ancestralidade étnica da comunidade.

Meu avô contava as histórias daqui [...] ele sendo meu avô, contava as histórias até do bisavô deles, que ele contava, tenho gravado na mente muitas das conversas que eles falava, porque eles sabia das coisas, sabia de tudo e queria ensinar pra gente as coisas certa.
(Seu Manoel, 54 anos, bisneto de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2017).

Assim, há várias gerações, os idosos incumbem-se da tarefa de guardiões da memória coletiva e protetores da família, uma vez que praticamente todos os seus descendentes encontram-se dispostos no *terreiro*, protegidos sob o olhar atento de quem já muito viveu, sofreu e sabe, com absoluta certeza, *das coisas da vida*.

²⁶ O Governo Federal instituiu com o Estatuto do Idoso, que uma pessoa seja considerada idosa a partir dos 60 anos de idade. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: Julho de 2017.

²⁷ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Disponível em: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: Julho de 2017.

Diante de uma convivência tão próxima, as diferentes gerações da comunidade mantêm com os mais velhos uma troca cotidiana de afeto, conhecimentos e informações e, essa troca, geralmente ocorre no ato de aconselhar (pelos idosos) e de ouvir os conselhos (pelos mais jovens).

Naquele tempo, derde eu menino, não tinha e ele nem sabia o que era o avião e essas carruagens que hoje têm aí, nem energia não tinha e, meu avô, falava assim: "Vocês vai ver, eu não vou ver, mas vocês vai ver o mundo traçado de cordão de fogo, cê vai ver tipo uma coisa elétrica, quase tipo um pensamento, que cê liga aqui e liga os quatro cantos do país". Aí agora, ia passando o tempo e eu ficava perguntando ele: "Mas como assim?" E ele falava: "Eu não sei, vocês vai ver".

Era tipo uma profecia, eles tinha a bíblia sagrada do lado, mesmo sem saber ler, agora, eu não sei se ele ouvia alguém falar pra eles [...] Parece que Deus usava mesmo pra ele falar, eu mais ela aqui [Dona Devalda], nós saía com os menino pequeno, nós saía daqui de noite pra ir ouvir o Vêi Paulo, que é primo meu terceiro. Ele tinha uma casinha do outro lado da estrada e eu mais ela saía daqui de noite pra ir ouvir, ele ia ler a bíblia, que ele falava que era sagrada escritura, só que depois ele parava com a leitura e ia contar histórias do bisavô dele que era o mesmo bisavô do meu avô, então ele falava assim: "Olha meu filho, eu não vou ver, mas vocês vai ver, vocês vai ver o céu, cheio de estradas, aí no ar, e vocês vai ver muitos automóveis trombando aí no ar e morrendo muita gente no ar". Então esses dias eu vi as coisas acontecendo, um avião batendo um com o outro, morrendo 200, 300 e tantas pessoas, aí eu me lembrei e falei: "Mas Vêi Paulo tinha uma profecia tão segura!"

[...]

Ele falava isso no tempo das escravidão deles, porque o povo era submisso as pessoas que tinha mais poder, e ele dizia que haveria um tempo que todo mundo seria igual, que ninguém ia falar quem era pobre de quem era rico, ninguém ia separar e hoje não separa mesmo não.

Um dia eu tive lembrando, e meditando, ele tem mesmo razão. Porque o povo de antigamente tinha a cara de carente e nós aqui era tudo escravo.

(Seu Manoel, 54 anos, bisneto de Zé Vêi, entrevista dia 01/05/2017).

Nas narrativas, o *Vêi Paulo* surge como uma figura mítica pois, era um homem que sabia das coisas e possuía o dom de prever o futuro. Assim, mesmo ele vivendo do outro lado da estrada, sua casa era como um ponto de peregrinação. Ouvir seus conselhos e suas profecias se tornou um hábito entre os netos e bisnetos de Zé Vêi e laiá.

Por possuir uma excelente oralidade e uma mente sagaz, o *Vêi Paulo* se

tornou um autêntico contador de histórias e, a partir da tradição oral, ele transmitiu para as gerações mais jovens elementos imprescindíveis da ancestralidade étnica da comunidade. Ao revelar suas perspectivas de futuro, o *Véi Paulo* estava, no fundo, preparando os seus descendentes para as mudanças que o tempo iria operar e, demonstrando com isso, que mesmo diante de transformações tão drásticas, era imprescindível manter e preservar os pertencimentos étnicos, visto que este é o único caminho que garantia e garante (até o presente) o desejo de manter-se unido, de conservar a coletividade e defender a fronteira que separa o *nós* do *eles*: “E ele falava: ‘E haverá outro tempo que o ser humano vai ser que nem furmiga no carreiro, um indo outro voltando’, esse aí eu já tô vendo.” (Seu Manoel, 54 anos, bisneto de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2017).

A narrativa acima revela isso: mesmo não vivendo para presenciar os intensos fluxos migratórios que o grupo realizou, o *Véi Paulo* já predizia o que iria ocorrer e se sentiu no dever de alertar a comunidade para os perigos que isso representava. Assim, seu sobrinho (Seu Manoel) conseguiu, com base nesses conselhos, compreender o presente a partir do olhar do seu tio, sabendo que nada, nem ninguém estava imune do fator *tempo*, mas que isso não era forte o suficiente para destruir a comunidade, pois aquele chão é o lugar deles, seja velho ou jovem.

A hora que eu tô nervosa eu falo: Vou sair daqui! [risos], ameaço. Hora que dô um medo neles, nessa hora dá um medim né? Gente fala: vou sair daqui, mas não saio não, só da boca pra fora. Eu adoro aqui, o lugazim que os pai de gente, deixou pra gente, gosto do lugar. [...]

Vê meu povo tudo perto de mim.

(Dona Maria, 72 anos, neta de Zé Véi, entrevista dia 31/10/2016).

- Vocês se tratam como irmãos aqui. Isso é por conta da religião, ou não?

Não, é porque tipo assim, é um respeito que um tem com o outro aqui, como se tudo fosse irmão. Pra você ver mesmo, que tem pessoa aqui que, a menina da minha geração tem muito respeito comigo. Misericórdia! Eles tem muita coisa comigo mesmo, eu até acho que nem mereço a consideração deles. Se acontece de algum querer pisar o pé fora da linha, outro fala: “Epa! Para por aí que você tá errado.” Então aquela pessoa já entende, que é um conselho para o bem. (Seu Manoel, 54 anos, bisneto de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2017).

Nesse fluxo de vida, percebemos que há um intenso processo de transmissão da ancestralidade étnica entre as gerações do quilombo, pois os idosos detêm o respeito e o poder da fala sobre os mais jovens e a partir desse lugar de prestígio, orienta-os, assumindo o mesmo papel que os seus antecessores assumiram, de orientar, aconselhar e, na melhor das hipóteses, de prever o futuro.

Eu gosto de ter meu povo tudo aqui perto de mim. Saí no terreiro e saber que tá tudo aqui perto.

Eu falo pra meus fí que a gente tem que viver assim, pro mode ajudar um e outro quando precisar.

(Dona Maria, 72 anos, neta de Zé Véi, entrevista dia 31/10/2016).

Eu já tô véia e cansada, num guento mais nada!

Agora o que eu quero pros fí é que eles viva feliz, sabendo caminhar no rumo certo, nas coisas certas né? Esse mundão tá cheim de coisa errada!

(Dona Chica, 73-6 anos, neta de Zé Véi. Entrevista concedida dia 29/10/2016).

Na presente investigação, esses elementos da ancestralidade são compreendidos como elementos de *realce étnico* que, entre outros, é um dos meios possíveis para a identificação das pessoas e dos grupos ao qual elas pertencem²⁸. O pertencimento étnico se revela quase sempre em signos culturais visíveis, realçados no modo de vestir, de falar, de comer, de se comportar etc. O *realce étnico* está justamente nos elementos de distinção entre um grupo e outro e nos traços que diferenciam as pessoas desse ou daquele grupo. Portanto, em Queimadas, o *realce* está presente em distintos elementos do cotidiano.

A disposição das residências, a hierarquia na construção das casas, a centralidade familiar, os laços de casamento, o respeito aos mais velhos, o ato de aconselhar e muitos outros elementos elencados acima fazem parte da constituição étnica da comunidade e são utilizadas por endógenos e exógenos como elementos de distinção e de diferenciação entre o *nós* e o *eles*.

É difícil vê uma comunidade na região como essa aqui, onde todo mundo é parente. Nós parecemo uma irmandade.

Meu tio que mora em Guanambi sempre fala pro pessoal de lá que

²⁸ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. 250 p.

vem aqui: "Vocês vão, mas cuidado! O pessoal de lá é igual uma irmandade".

Meu Deus do céu! Mexer com um aqui, é igual mexer com uma casa de maribonde, não vai não, mexer com um aqui é igual mexer com todos.

Aqui é assim: aconteceu alguma coisa na casa de alguém, já liga logo pro outro e vão ligando, quando cê vê, tá todo mundo lá igual um cardume de marimbondo. Porque nós cuida da família, dos parente.

(Seu Manoel, 54 anos, bisneto de Zé Véi, entrevista dia 01/05/2017).

Assim, Seu Manoel demonstra que há um conjunto de atributos que os distinguem e que são realçados no cotidiano e no *jeito de viver* da comunidade. Pela análise aqui esboçada, fica evidente que esses atributos foram sendo transmitidos entre as gerações e fazem parte da identidade e da memória coletiva de Queimadas.

Além disso, também é possível compreender que, para eles, a morte é apenas material, pois o imaterial e a memória daqueles que se foram continuam vivos, como uma herança, que está presente nos lugares, nas pessoas, no cotidiano, nas práticas culturais e o legado que cada um deixou ultrapassou as fronteiras do tempo e das gerações pois está impresso no pertencimento étnico daquelas pessoas.

Considerações Finais

A análise acima desenvolvida revela dados importantes para a compreensão do modo de vida em comunidades negras tradicionais, notadamente as rurais. A centralidade de um núcleo familiar coeso, a transmissão das tradições e costumes, a valorização dos mais velhos e a preservação da ancestralidade étnica em diversas esferas do cotidiano, são alguns dos elementos que se despontaram na pesquisa.

Para alcançar o objeto de investigação proposto foi imprescindível a construção do mapa genealógico e, ele se mostrou uma ferramenta de pesquisa e análise importante para o entendimento dos laços matrimoniais e familiares, ao permitir, durante a narrativa dos colaboradores, um retorno ao passado. Assim, em diversos momentos, eles construíam suas narrativas recordando pessoas, dados e fatos que se destacaram durante suas vidas, portanto, a construção da

genealogia possibilitou a descoberta da herança cultural do quilombo Queimadas. Com isso, foi possível compreender que naquela comunidade, desde as primeiras gerações, o casamento endogâmico se tornou uma estratégia importante para a preservação da terra, da família e das tradições, ao ponto dessa prática se tornar uma herança cultural.

É importante ressaltar também, que apesar da investigação se pautar apenas em uma família, os dados produzidos permitem a afirmação de que a conjuntura sócio-histórica vivenciada por eles, a partir da endogamia e dos laços familiares e afetivos com a comunidade vizinha, Morro de Dentro, evidenciam uma consanguinidade remota e uma consanguinidade referida. Ademais, foi possível perceber que há um encurtamento visível de gerações consequente dos laços matrimoniais contraídos ainda na juventude.

De tudo isso fica a compreensão clara de que muitos dos ensinamentos e práticas culturais cultuadas pelas primeiras gerações ainda estão presentes naquele cotidiano. Mesmo que alguns elementos tenham se perdido no tempo, as histórias, as memórias, os lugares e as pessoas continuam sendo elementos vivos de transmissão da ancestralidade étnica, porque o viver na comunidade está permeado de práticas que permitem essa transmissão e esses elementos nada mais são do que o realce étnico que os distinguem *dos outros*.

Referências

CONSORTE, Josildeth Gomes. Relações Étnicas e Relações Raciais: diferenças e aproximações. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**. Ano 2019, Volume 4, número 8, Julho – Dezembro de 2019, p. 30-34. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i8.6232>.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Enicidade, indianidade e política**. In: *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**. v. 25, nº 2, Maio/Agosto, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922010000200003>. Acesso em: 13/05/2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Mariano Ferreira (trad.). Petrópolis: Vozes, 1982.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações**. IN: Marialice M. Foracchi

(org). Karl Mannheim: Sociologia, São Paulo, Ática, 1982, p. 67-95.

MELO, Ana Lúcia Aguiar. et al. **“Palmas” para o quilombo**: processos de territorialidade e etnicidade negra. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE**. Número 18: maio-outubro/2012. P. 28-47. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4456>. Acesso em: maio 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. Acesso em: 01/07/2017. Disponível em: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. 250 p.

WEBER, Max. **Relações comunitárias étnicas**. IN: Economia e Sociedade. Vol. 1. Brasília: Editora UNB, 1991, p. 267-277.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, nº. 2, Maio/Agosto 2010, p. 205-224. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922010000200004>. Acesso em: 13/05/2016.

Jamille Pereira Pimentel dos Santos: Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela UESB (2017), Campus Jequié. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2008/2011), Campus XII - Guanambi-BA. Profissionalmente atua como professora de educação infantil na Rede Municipal de Ensino do Município de Guanambi-BA e desenvolve pesquisa com as temáticas: educação quilombola, etnicidade, quilombos, escravidão, discriminação e racismo.

Ana Angélica Leal Barbosa: Doutora e Mestre em Ciências Biológicas - área de concentração em Genética (UFPR- 2003; 1984). Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1980). Professora Emérita da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora do quadro permanente do Programa Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Atualmente coordena o curso de extensão: Educação Quilombola do ODEERE/UESB. Desenvolve atividades de pesquisa os seguintes temas: comunidades afrodescendentes do Estado da Bahia; aspectos demográficos e genéticos, comunidades indígenas da Bahia: diversidade genética com o uso de marcadores moleculares.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 12 de maio de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 23 de maio de 2020.